

BETAR & ARTES ELETRÔNICAS

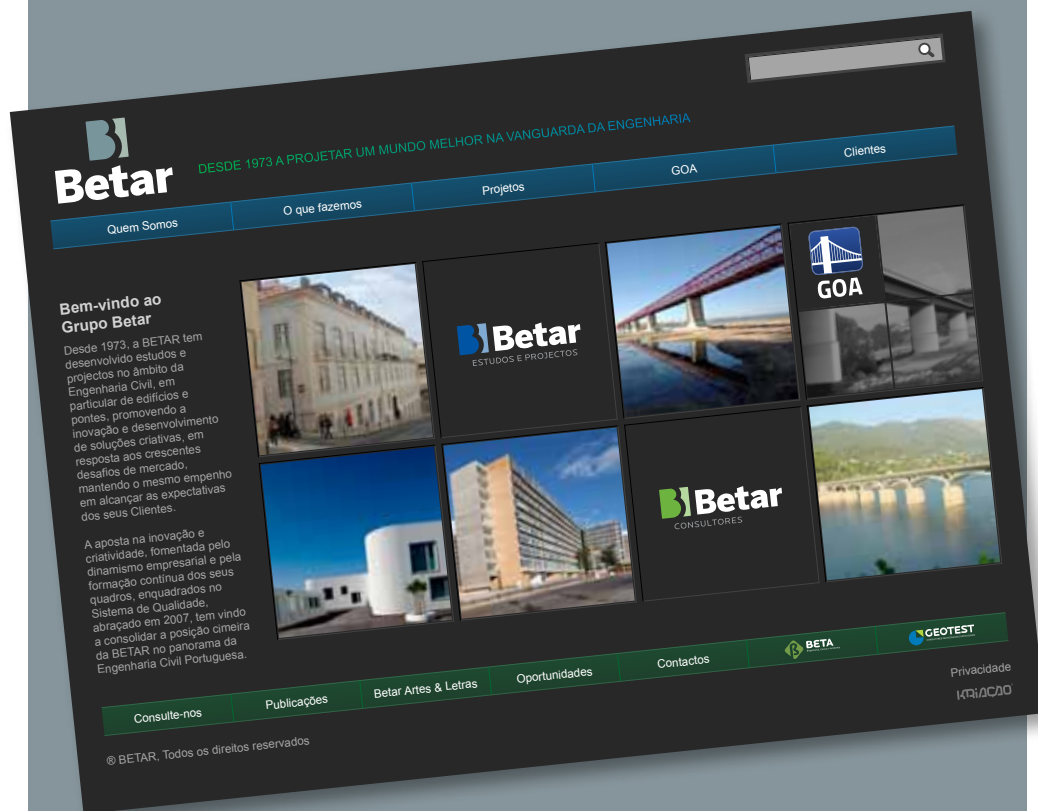
Natal 2012

*Saiba onde
pode levar
os seus filhos
ou netos
nesta quadra
e divirta-se
com eles*

B
Betar

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Porque a cultura é transversal a todas as idades, no mês de Natal, é hábito a Artes&Letras dar destaque a eventos culturais destinados aos mais pequenos. Saiba onde pode levar os seus filhos ou netos nesta quadra e divirta-se com eles.

Para si, há também interessantes propostas. Os destaques da música passam por artistas lusófonos como António Zambujo, Xutos e Pontapés, Tito Paris e o regresso dos Resistência.

Quanto a exposições, a Culturgest apresenta uma mostra de Rosemarie Trockel, artista de referência na cena artística internacional dos últimos trinta anos, e na Casa da América Latina pode ver-se uma exposição do pintor e escultor Matta, um artista chileno de referência no surrealismo.

No teatro Comuna, está em cena a peça “Agonia irreversível”, escrita em 1966 por Juan Benet, e encenada por Carlos Paulo, João Tempera e João Mota, e no Teatro do Bairro, “Caveman: Mim Caçar, Tu Colher!”, para rir até não poder mais.

No que respeita a exposições internacionais, o Museu do Prado sugere “A paisagem Martín Rico”, um dos artistas mais importantes da cena artística na segunda metade do século, em Espanha, na Thyssen-Bornemisza pode admirar-se “A arte de Cartier”, com mais de 420 peças da Colecção Cartier, e no Palácio de Versalhes, a mostra “O Palácio de Versalhes, uma nova Roma” explora a relação entre Versailles e antiguidade.

A entrevista desta edição é com os arquitetos Alfredo Saldanha e Maria João Duarte, que há muitos anos acompanham o trabalho da BETAR.

Nós fazemos tudo, a parte burocrática, correio, cópias, recados, decifrar legislação incompatível. Nem sempre estamos a cumprir funções de topo!

Uma conversa animada com os arq. **Maria João Carvalhão Duarte** e **Alfredo Saldanha**.
Por Cátia Teixeira



Edifício da Bonança, Av. José Malhoa



Casa Mortuária de Vales Mortos, Serpa

O que é que queriam ser quando fossem grandes?

MJ – Eu fiz a alínea de Biologia no liceu e não segui por causa da Química, detestava. Depois fiz o serviço cívico, dava apoio a crianças, tenho até pena de não ter seguido também esse rumo. Entretanto reabriu a Escola de Arquitetura (ESBAL) - que tinha fechado pela altura do 25 de Abril - com um grupo de professores que se voluntariou para a abrir com o ano zero, porque muitos alunos não tinham terminado os cursos quando a escola fechou. Eu inscrevi-me. O trabalho desse ano foi no Casal Ventoso e, a partir daí, tive a certeza que era isso que queria. Durante o curso, como estávamos no pós 25 de Abril, o ambiente era muito politizado (a minha Escola era, na altura, maioritariamente MRPP) e divertido!

AS - A minha primeira opção foi sempre o desenho. Na escola, muitas vezes, não estava atento, fazia bonecos nos cadernos, às vezes levava reguadas, outras vezes os professores promoviam os desenhos. No liceu, o professor

de desenho sugeriu que essa podia ser a minha orientação e fui para arquitetura. O meu curso era de manhã na Faculdade de Ciências e à tarde nas Belas Artes, porque era em comum com engenheiros. Na altura, a arquitetura era uma coisa quase insólita, dado o reduzido número de arquitetos.

Como é que começou esta parceria?

MJ – Eu trabalhei, durante o curso, por sugestão do Eng. José Mendonça, que conheço desde que nasci e foi sempre o meu “angariador de trabalho”, na Coplano, que era uma cooperativa que se tinha formado com alguns arquitetos que tinham saído do atelier do arq. Conceição Silva. Fazia planeamento. Foi aí que me cruzei com o arq. Saldanha, que era sócio da Coplano. Quando saí, fui para o atelier do arq. Palma de Melo, que era uma pessoa excepcional. Um ambiente fantástico. Mas a certa altura o atelier entrou em declínio. AS – Durante o curso, comecei a perceber que era necessário fazer alguma coisa para

adquirir experiência e, apoiado pela arq. Carmo Valente, ingressei no atelier do arq. Conceição Silva, que era o maior atelier da Península Ibérica. Foi ótimo. Comecei por trabalhar com engenheiros, foi aí que conheci o eng. Rocha Cabral, depois colaborei num inquérito urbanístico ao concelho de Loures para a tese do arq. Tomás Taveira. Quando ele saiu, fiquei a dar assistência a alguns trabalhos dele, o que me deu experiência de obra. Em 1977, saí do atelier CS e fundei, com outros colegas desse atelier, a “Coplano”. Quando em 1982 optei por trabalhar como independente, alguns clientes que me conheciam da Coplano mantiveram-se, apareceram novos e a Maria João começou a colaborar comigo.

Quais as principais diferenças entre esses ateliers de grande dimensão e o atual?

MJ – Aqui, como somos só dois, fazemos tudo, desde a angariação até à finalização. Fazemos rigorosamente tudo, inclusive a parte burocrática, a ida ao correio, as memó-



rias descritivas, tirar cópias, fazer recados. Nem sempre estamos a cumprir “funções de topo”. E ainda temos que decifrar legislação incompatível, o que é horrível! Tem vantagens e inconvenientes. A principal vantagem é saber fazer as coisas do princípio ao fim, o que não acontece quando se trabalha num sítio estratificado. Outra, é que podem dar-nos qualquer projeto, desde planeamento, decoração, arquitetura, urbanismo... A desvantagem é termos dificuldade em aceder às novas tecnologias e programas, porque são muito caros...

AS - ...e não podemos abraçar grandes projetos. Uma vez meti-me num concurso para uma frente edificável do Parque Urbano do Porto em que me ia matando. Fiz várias diretas e jurei que não me meteria noutra. Fui de Lisboa ao Porto, quase inanimado, para levar os enormes painéis para a exposição. Na altura tudo falhou, até a casa de cópias ficou sem amoníaco, as coisas ficaram mal coladas, encarquilhadas, não cabiam no carro... Foi um desespero.

MJ - Os concursos exigem muito trabalho e investimento. Só podemos ir a concurso se tivermos dinheiro, e, para ir, temos de deixar de receber encomendas, o que, para uma estrutura pequena, é complicado porque deixamos de ganhar. Há a necessidade de ir mas temos medo de gastar os fundos que nos farão sobreviver mais uns meses.

Que conselhos daria, hoje, a um jovem estagiário de arquitetura?

MJ - Que tem de ser bom e diferente. Um jovem que domine a informática ligada à arquitetura, por exemplo, penso que tem futuro. Estive a servir de cobaia numa cadeira de arquitetura, no Instituto Superior Técnico, dada por um engº informático que me pediu

para eu, sendo arquiteta, lhe dizer como via aquilo. Fui bastante crítica porque os informáticos não raciocinam como arquitetos, dão ordens “escritas” para o desenho sair e nós... desenhamos! Portanto um arquiteto que, hoje, domine bem programas informáticos é capaz de ter trabalho. Eu pergunto-me muitas vezes, nesta altura em que estamos a deixar de ter encomendas, o que é que eu sei fazer? O que é que eu posso dar de diferente? Eles podem...

Trabalham com a BETAR há vários anos.

Como é trabalhar connosco?

AS - Nós conhecemos a BETAR desde a fundação. Eu atravessei várias gerações de engenheiros, desde os eng. José Mendonça e Rocha Cabral e foi muito positivo. Gosto de estabelecer diálogo com os engenheiros, para evitar erros, e com a BETAR isso acontece naturalmente. Se for preciso ir à obra eles vão, outros dizem para lhes darmos o ficheiro que depois põem lá a estrutura, isso não é nada. Por isso sugeri-los aos clientes, sempre que possível, dizendo-lhes que nos merecem toda a confiança!

MJ - Eu acho que os engenheiros da BETAR, quer os de quem já falámos, quer os atuais, como os engs. José Pedro, Maria do Carmo, Leonor, sabem raciocinar como arquitetos, não é preciso explicar-lhes nada, portanto é fácil trabalhar com eles. Por exemplo, uma viga no meio de uma sala é muito chato e, com eles, sabemos que isso não acontece. Têm essa sensibilidade. É muito diferente trabalhar com eles ou com outros engenheiros, a própria qualidade não tem nada a ver.

AS - O eng. José Pedro até desenha como um arquiteto, desenha muito bem, podia ser arquiteto, aliás eu acho que ele gostava de ser, fica aqui a provocação...

Os livros são sempre bons presentes. Lá no fundo, toda a gente lê um livro, nem que seja de vez em quando. Aqui fica uma sugestão, não muito recente, mas intemporal



Mia Couto
O Outro Pé da Sereia

Naquele estilo bem peculiar a que nos habituou, o contador de histórias Mia Couto aborda mais uma vez o quotidiano em Moçambique, com recurso aos costumes e ao misticismo que sempre nele se destacaram. A certa altura, os descobrimentos portugueses cruzam-se com a realidade numa remota região do país; são várias viagens numa só narrativa, entrelaçadas de forma a prender o leitor até à última página.

O missionário D. Gonçalo da Silveira está encarregue de levar uma imagem de Nossa Senhora de Goa para África; a jovem Mwadia revive velhos tempos numa remota localidade chamada Vila Longe, a cidade onde nasceu, onde um casal de afro-americanos vai procura as suas raízes. De uma forma ritmada e por vezes até humorística, o escritor faz com que estas personagens se cruzem num romance cujos contornos são impossíveis de prever, dada a total imprevisibilidade que Mia Couto sabe colocar naquilo que escreve. No final de contas, aprende-se um pouco de história e até de cultura.



Este mês, a Artes&Letras decidiu debruçar-se sobre a temática do cinema português. Consideramos que as nossas produções estão a crescer em número e em qualidade

A ascensão do cinema português

Os portugueses deviam estar orgulhosos pela crescente qualidade do cinema português. Se recuarmos até 2009, recordamos que o filme *Arena*, de João Salaviza, venceu a Palma de Ouro de Curta Metragem no Festival de Cannes, onde esteve também nomeado o filme “Morrer Como Um Homem”, de João Pedro Rodrigues. Em 2010, Richard Brody, crítico de cinema da revista “The New Yorker”, sugeriu que a cinematografia emergente do momento era a portuguesa e na lista dos 25 melhores filmes do ano, eleitos pela revista, constaram: “O estranho caso de Angélica”, de Manoel de Oliveira, “Aquele querido mês de Agosto”, de Miguel Gomes, “Ne change rien”, de Pedro Costa, e “A religiosa portuguesa”, de Eugène Green. Em 2011, também surgiram boas produções nacionais: “Sangue do meu sangue” de João Canijo foi o filme português mais visto, mais até do que “Mistérios de Lisboa” e “José e Pilar”, os mais vistos no ano anterior. Já em 2012, destacam-se produções como “As linhas de Wellington”, de Valéria Sarmiento, “Rafa”, de João Salaviza, “A Teia de Gelo”, de Nicolau Breyner, “A última vez que vi Macau”, de João Rui Guerra da Mata e João Pedro Rodrigues e “O Gebo e a Sombra” de Manoel de Oliveira, bem como os dois em destaque este mês: “Aristides de Sousa Mendes”, de João Correa e Francisco Manso, e “Deste Lado da Ressurreição”, de Joaquim Sapinho.



Deste Lado da Ressurreição

Desde o divórcio dos pais, a família nunca mais voltou a ver Rafael. A irmã Inês foge de casa à procura dele, quando lhe dizem que voltou à praia do Guincho para surfar. Rafael é um ex-campeão de surf que todos os dias entra nas ondas perigosas testando os seus próprios limites. É um jovem perdido no mundo, desenquadrado de tudo e de todos, com uma grande violência interior, que se reflete no seu corpo e na maneira como surfa. Procura um sentido para a sua vida. A praia do Guincho foi o último lugar onde a sua família viveu junta e feliz. Já a Serra de Sintra, onde está o Convento dos Capuchos, encerra as memórias da separação dos pais. E será ali, entre a praia do Guincho, o Convento dos Capuchos e a serra de Sintra, que vai finalmente encontrar o seu lugar.

De: Joaquim Sapinho
Com: Pedro Sousa, Joana Barata, Pedro Carmo, Sofia Grillo, João Cardoso, Guilherme Garcia, Luís Castro
Drama, M/12, Portugal, 2011, 118 min



Aristides Sousa Mendes: O Cônsul de Bordéus

Aristides de Sousa Mendes nasceu em Cabanas de Viriato, em 1885, no seio de uma família aristocrática rural, católica e conservadora. Ocupou diversas delegações consulares portuguesas pelo mundo fora, designadamente em Bordéus, em 1940, ano da invasão da França, pela Alemanha nazi. Nessa altura, Sousa Mendes desafiou as ordens expressas do primeiro-ministro

De: João Correa, Francisco Manso
Com: Vítor Norte
Drama, M/16, Portugal, 2011, 90 min

Salazar e concedeu mais de 30 mil vistos de entrada em Portugal a refugiados de todas as nacionalidades que desejavam fugir de França, revelando uma coragem e determinação invulgares, e consciente do risco para sua vida e a da sua família. Ao recusar-se a entregar milhares de pessoas a um destino certo nos campos de concentração nazis, Sousa Mendes demonstrou o seu caráter. O filme não está perfeito, mas relata uma história que todos devemos conhecer.

ARTES

Lembra-se de como é reconfortante apreciar obras de arte? Há quanto tempo não visita uma galeria? Vejas as nossas sugestões deste mês. Não tem motivos para ficar em casa...

CULTURGEST

Rosemarie Trockel: Flagrante Deleite

Até 6 de Janeiro

Esta exposição oferece uma perspetiva sobre o trabalho multifacetado de Rosemarie Trockel, artista de referência na cena artística internacional dos últimos trinta anos. Composta por uma extensa série de colagens realizadas desde 2004, a exposição inclui também esculturas, objetos de cerâmica e obras de parede feitas com lã. Acedemos assim a uma obra muito heterogênea do ponto de vista dos temas abordados, dos materiais e das técnicas utilizados, das soluções formais e estilísticas exploradas. Rosemarie Trockel propôs no início da década de 1980 uma alternativa ao formalismo rígido e à pintura expressiva então dominantes. Hoje, décadas mais tarde, os princípios fundamentais que orientam o seu trabalho continuam a envolver uma grande liberdade, a transposição dos limites do academismo, associações convencionais e conhecimento da linguagem, bem como formas e símbolos da vanguarda.



CASA DA AMÉRICA LATINA

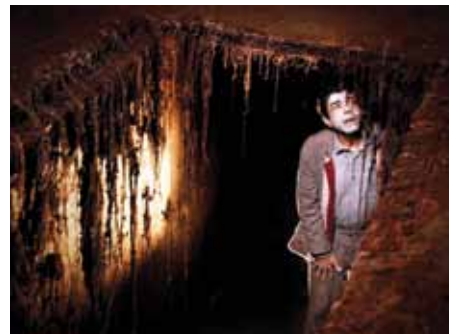
Exposição do pintor e escultor Matta

Até 31 de Dezembro

A Casa da América Latina e a Câmara Municipal de Lisboa apresentam um conjunto de 23 obras (17 pinturas e seis esculturas) do chileno Matta, o último representante do movimento surrealista e um dos mais importantes artistas latino-americanos, cujo centenário do nascimento está a ser comemorado. A exposição conta com o apoio da Embaixada do Chile em Portugal. Matta nasceu, curiosamente, a 11-11-1911. Formado em arquitetura, cedo procurou a Europa como centro de aprendizagem do ofício das artes plásticas. Nas suas deambulações pelo velho continente, visitou também Portugal. Entre as duas guerras mundiais, Federico García Lorca apresentou-o a Dalí, que o introduziu nos círculos artísticos parisienses, onde pontuavam muitos dos que se tornaram seus amigos, como Picasso, André Breton e Man Ray.

TEATRO

A época natalícia tem o dom de despertar os sentimentos mais escondidos. Terá também o poder de o fazer ir ao teatro? Aproveite para se distrair com as histórias dos outros



Agonia irreversível

“Agonia Irreversível”, escrita em 1966 por Juan Benet, põe em cena dois homens que falam entre si. Conversa séria e cômica, a partir de jogos lógicos que são levados quase sempre até à exaustão, sobre temas abstratos: a relação consigo mesmo e a relação com o outro; contradições, solidão, identidade, tirania, submissão, amor... Cinquenta páginas de uma lenta desagregação, de um combate verbal impregnado de sadomasoquismo “soft” que nunca consegue chegar a um fim. Este combate vai sempre mais longe que um xeque-mate, marcado pelas lembranças e pelos bocejos do desejo, e pelo rol de acontecimentos dos seus restos de vida, pela passagem incontável do tempo, por sábias discussões filosóficas sobre a liberdade, o destino, o desejo, o acaso, a infelicidade, a providência, por anedotas de todo o género, que surgem constantemente do espírito de um e do outro interlocutor. A morte não venceu a agonia, e a desordem dos sentimentos e a sua percepção é sempre a mesma.

Teatro Comuna

Até 16 de Dezembro

Encenação: Carlos Paulo, João Tempera e João Mota
Interpretação: Carlos Paulo, João Tempera e Hugo Franco



Caveman: Mim Caçar, Tu Colher!

“Caveman”, a comédia mais delirante sobre a forma como homens e mulheres se relacionam, está de volta. Depois do estrondoso sucesso do ano passado, onde mais 35 mil pessoas assistiram à peça, esta é a oportunidade de ver ou rever uma hilariante comédia já adaptada para mais de 30 países. O olhar hilariante de “Caveman” põe ambos os sexos às gargalhadas, faz-nos rir de nós próprios e da forma como homens e mulheres lutam, riem e amam. Esta peça transformou-se num apaziguador de mal-entendidos entre homens e mulheres. Uma adaptação do texto “Defending the Caveman”, do norte-americano Rob Becker, que foi o espetáculo a solo com mais sucesso e que mais tempo permaneceu na Broadway. Em resumo, um retrato da sensibilidade feminina e masculina contemporânea.

Teatro Do Bairro

Até 18 de Dezembro

Encenação: António Pires
Interpretação: Manuel Marques,
Luís Filipe Borges e Marina
Albuquerque

Este mês, os destaques da música são todos artistas lusófonos. Realce para o regresso dos Resistência, 20 anos depois, e Tito Paris, que celebra 30 anos de carreira



António Zambujo

Dia 7 de Dezembro - Coliseu dos Recreios

CONCERTO

“Quinto”, a primeira aventura discográfica de António Zambujo, entrou diretamente para o 2º lugar do top nacional de vendas. Do Alentejo para o mundo, a obra do fadista foi elogiada nos quatro cantos do globo. E, nem um mês após o lançamento do disco, Zambujo já esgotava a primeira data na Gulbenkian. Agora chega o concerto que marca encerramento de uma digressão inolvidável!



Xutos e Pontapés

Dias 8 e 9 de Dezembro – Campo Pequeno

CONCERTO

Esta nova fase de Xutos e Pontapés começou com a edição do novo “Cерco”, no Porto, depois continuou por esse país fora com a apresentação de “O Cerco Continua”. Agora chegou a vez de fechar mais um ciclo, e da melhor maneira. Os Xutos & Pontapés sobem ao palco para provar mais uma vez que resistir é vencer! Um espetáculo que não nos deixará indiferentes.



Tito Paris: 30 anos

Dia 14 de Dezembro – Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Se pudéssemos descrever a importância da música nas nossas vidas, Tito Paris seria com certeza um dos melhores adjetivos. Compositor, cantor e guitarrista, Tito Paris respira a alegria da música. O seu trabalho celebra o melhor de duas culturas: as mornas e funaná de Cabo Verde, que há muito vieram morar em Lisboa e fazem já parte do nosso património.



20 anos de Resistência

Dia 19 – Campo Pequeno

CONCERTO

Há 20 anos, eles marcaram indelevelmente a música portuguesa e mostraram a toda uma geração a magia da simplicidade, o poder de uma voz e uma guitarra. 20 anos depois os Resistência juntam-se de propósito para este concerto único no Campo Pequeno, devolvendo ao nosso convívio um projecto que estava à frente do seu tempo e que se mantém um marco intemporal da música portuguesa.



Concertos em novembro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt

Grandes intérpretes na Gulbenkian: Andrés Schiff (piano) em Schuman e Beethoven no dia 2, Chiaroscuro Quartet (quarteto de cordas) em Beethoven e Mozart no dia 9 e Nikolai Lugansky (piano) em Janacek, Schubert, Liszt e Rachmaninov no dia 11. Sempre no Grande Auditório.

Outro grande interprete é Arcadi Volodos (piano) que nos dias 13 e 14 toca, com a Orquestra Gulbenkian e o seu maestro Lawrence Foster, o concerto nº 1 de P.I. Tchaikovsky. No programa ainda uma obra de Marc-André Dalbavie (n. em 1961, compositor residente este ano na Gulbenkian) e uma Suite tirada da ópera “A Raposinha Matreira” de Janacek.

Chamo ainda a atenção para os concertos corais sinfónicos da Época Natalícia:

3/12 no Grande Auditório o “Balthasar Neumann Ensemble” e o” Balthasar Neuman Chor” interpretam a Oratória de Natal e quatro cantatas de J.S.Bach

20, 21 e 22/12 no Grande Auditório cantata BWV191 de J.Sbach e a grande missa K.427 de Mozart; Solistas, Coro e Orquestra Gulbenkian e direcção de M. Corboz;

31/12 na Igreja de S.Roque “Te Deum” (1786) de António Leal Moreira (importante compositor do Sec. XVIII português); Solistas, Coro e Orquestra Gulbenkian; Dir. Jorge Matta. E a terminar não posso deixar de referir a transmissão do MET de New-York das Óperas: “La Clemenza de Tito” de Mozart no dia 1, “Um Baile de Máscaras” de Verdi no dia 8 e “Aida” de Verdi no dia 15. Sempre no Grande Auditório pelas 18 horas

CENTRO CULTURAL DE BELEM

www.ccb.pt

7/12 (Grande Auditório): A Orquestra “O Concerto Italiano” sob a direcção de Ricardo Alessandrini e a contralto Sara Mingardo. Um concerto dedicado a Vivaldi para o qual os músicos e a cantora são intérpretes de excepção.

16/12 (Grande Auditório): Concerto de Natal da Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. Nicholas Kraemer. Um programa com os maiores compositores da música barroca: Haendel, Rameau, Vivaldi e J.S.Bach.

19/12 (Grande Auditório): O pianista António Rosado interpreta a integral das músicas festivas de Fernando Lopes Graça (1906-1994). Antes do Concerto, às 17 horas, haverá o lançamento de um CD com essa integral. Lembremos que António Rosado conta já, na sua discografia, com a integral das “6 Sonatas” e das 8 Suites “In Memoriam Bela Bartok”, obras fundamentais do compositor.

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

www.saocarlos.pt

5, 7 e 9/12 THAIS Ópera de Jules Massenet (1842-1912) (em versão de concerto). “Thais” forma com a “Manon” e o “Werther” o núcleo mais conhecido da sua produção operística. Solistas, Coro do São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa; Dir. Martin Andre

19, 20, 22 e 23 O GATO DAS BOTAS (segundo Perrault), ópera para jovens (e não só) do compositor catalão Xavier Montsalvatge (1912-2002). Produção do Teatro Real de Madrid. Trata-se da ópera já apresentada no passado ano.

Dezembro chega com interessantes propostas nos museus internacionais. Se tiver oportunidade, não deixe de visitar uma destas mostras, patentes até ao próximo ano



Museu do Prado

A paisagem Martín Rico

Até 10 de Fevereiro

Martín Rico (1833-1908), um dos artistas mais importantes da cena artística na segunda metade do século, em Espanha, foi pioneiro na introdução da paisagem realista neste país. Uma apresentação de todas as fases da carreira do artista, desde o seu início nas paisagens das montanhas de Madrid, até às suas obras em Veneza e Paris. A exposição é organizada cronologicamente e apresenta todas as fases da carreira do artista através das suas obras mais marcantes.

Thyssen-Bornemisza

A arte de Cartier

Até 17 de Fevereiro

Esta exposição revela mais de 420 peças da Coleção Cartier, desde a sua fundação, em Paris, em 1847, refletindo o seu espírito e evolução. O dinamismo dos irmãos Cartier, e o seu interesse na arte de culturas antigas, lançou as bases para a identidade artística da Maison Guinvaldaal, estilo Art Deco dos anos 30. São mais de 165 anos de criatividade, técnicas de design e estilos artísticos.



Palácio de Versalhes

O Palácio de Versalhes, uma nova Roma

Até 17 de Março

O Palácio de Versalhes é uma referência permanente à antiguidade e à mitologia. Composta por coleções de antigos governantes, esta exposição explora a relação entre Versailles e antiguidade. Reúne 200 peças, esculturas, pinturas, desenhos, gravuras, tapeçarias, móveis e objetos de arte, dos museus do Louvre e de Versailles. Um encontro sem precedentes entre vários tipos de obras, materiais e períodos.

Em Dezembro, o horizonte está no Natal e no fim do ano...no Porto, claro! Espreite as propostas de Maria João Duarte e divirta-se!

Música e Teatro

CASA DA MÚSICA: “Criolo”, compositor e cantor Paulista (8) Ensaíons Abertos (14 e 21); “Best of Sinfónico” junta E. Humperdinck com Tchaikovski, Borodin e Mussorgski (14); “Festival Etnias Ollin Kan” (14); Optimus Clubbing: Supernada, Magician Dj e Jori Hulkkonen (15); “Quadros de uma Exposição”, concerto da OSP comentado com visita guiada a quadros do arq. Victor Hartmann (16); “Mónica Ferraz” (20); “Custódio Castelo”, guitarra portuguesa (22); “Alabama Gospel Choir” (30). **PAVILHÃO ROSA MOTA:** “Brit Floyd” tocam Pink Floyd (14). **COLISEU:** “Semper Fidelis” de J. Philip de Sousa (30). **TNSJ:** “Casas Pardas”, Lisboa final dos anos 60, vista por Maria Velho da Costa, Luísa Costa Gomes e Nuno Carinhas (até 23).

Programas Natalícios e de Fim do Ano

CASA DA MÚSICA: “Música para o Natal” (21); “Santíssimo Natal”, Orquestra Barroca (23). **MUSEU ROMÂNTICO DA QUINTA DA MACIEIRINHA:** “Concerto de Natal”, obras portuguesas para violoncelo e piano (15-16h30), precedido (15h) pela visita “Nas vésperas de Natal”. **CATEDRAL DO PORTO:** “Concerto de Natal”, órgão e coros (15-21h30). **PAÇOS DO CONCELHO:** “Concerto de Ano Novo”, Banda Sinfónica Portuguesa (1jan 16h). **COLISEU:** “Grande Concerto de Ano Novo”, Strauss Festival Orchestra (4jan). **AVENIDA DOS ALIADOS:** Fogo de artifício (00h) e música a partir das 22h. Para uma passagem de ano mais selecta (e cara!), o Pátio das Nações do Palácio da Bolsa será transformado “num palácio francês” do séc. XIX e aí haverá um show de multimédia, pirotecnia e música até de madrugada.

Exposições

TEATRO CAMPO ALEGRE: “Hotéis Tradicionais do Porto”, fotografias de Alberto Jorge (até 10). **GALERIA COR ESPONTÂNEA:** “Coleção Ernst Lieblisch”, obras de Arte Moderna Portuguesa. **OLGA SANTOS GALERIA:** “Coletivarte Natal 2012” (até 29). **PALACETE VISCONDE DE BALSEMÃO:** “Marcas de granito” e “Memórias devolvidas à Cidade”, materiais da arquitetura da cidade. **BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL:** “Irmãos Grimm: Vida e Obra” (até 15jan).

À descoberta do Porto

Os acontecimentos importantes do Porto celebram-se na AVENIDA DOS ALIADOS, que dá lugar à Pç do Gen. Humberto Delgado junto à Câmara Municipal. Traçada pelo inglês Barry Parker no princípio do séc. XIX e edificada segundo o arq. Marques da Silva, ao gosto dos “beaux-arts” é ladeada por edifícios, na maioria, revestidos de granito e coroados de lanternins, cúpulas ou coruchéus. O pavimento, feito como um enorme mosaico, tinha desenhos alusivos aos descobrimentos e à colonização com a estátua equestre de D. Pedro IV apontando para o Brasil. O eixo da avenida era, até 2006, uma ampla placa central ajardinada. A meio, de um e outro lado, estão atualmente as duas bocas do Metro que originaram a completa reformulação da avenida, obra do arq. Siza Vieira, muito contestada, que procurava criar uma continuidade entre a Av. e a Pç. Liberdade. A “Corrida de S. Silvestre” parte daqui no dia 31.

Porque a cultura é transversal a todas as idades, no mês de Natal, a Artes&Letras dá destaque a eventos culturais destinados aos mais pequenos. Saiba onde pode levá-los nesta quadra



Grimm

Até 29 de Dezembro
Teatro Casa da Comédia

Neste espetáculo, dois atores com ajuda de inúmeras marionetas, teatro de sombras e projeções de vídeo, irão contar a história dos Irmãos Grimm e as histórias dentro da história, ou seja, a da Branca de Neve à Bela Adormecida e a do Capuchinho Vermelho aos Músicos de Bremen, num ambiente romântico, encantado e humanista.



A Bela e o Monstro

Até 29 de Dezembro
Academia de Santo Amaro

A Academia de Santo Amaro recebe um clássico bem conhecido de todos, uma história que faz sonhar miúdos e graúdos. Com encenação e adaptação de Miguel Dias, que interpreta o papel de Monstro ao lado do restante elenco: Ana Balbi, Nuno Pires, Bruno Pópulo, Marta Garcês, Fábio Dantés, Sérgio Paulo e Nádia Amiano. As coreografias são da responsabilidade de Fernanda Dias.



Peter Pan

Até 31 de Dez
Politeama

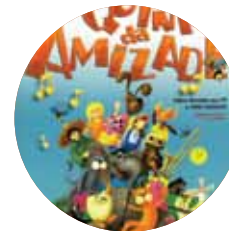
La Féria apresenta Peter Pan, o pequeno rapaz voador que se recusa a crescer e passa a vida em aventuras mágicas. A partir do célebre clássico da literatura infantil de James Matthew Barrie, Filipe La Féria realiza um espetacular musical cheio de canções e magia, recorrendo a sofisticadas tecnologias de vídeo e efeitos especiais para contar, de forma original e encantatória, as aventuras de Peter Pan, Sininho, Wendy, do malévolo Capitão Gancho e de todos os fascinantes habitantes da Terra do Nunca. Um musical para toda a família, no Politeama.



A Flauta Mágica

Até Junho
Teatro Armando Cortez

Baseada numa das mais conhecidas óperas de Mozart, esta história do Teatro Infantil de Lisboa, decorre no antigo Egipto, e gira à volta dos amigos Tamino e Papageno, dois adolescentes muito diferentes que partilham a mesma vontade de encontrar a Felicidade. Juntamente com a Flauta Mágica, os dois amigos vão enfrentar alguns perigos e vencer provas inimagináveis.



A Quinta da Amizade

Dia 22 de Dezembro
Campo Pequeno

Um elefante procura abrigar-se da tempestade numa quinta onde já se abrigaram todos os outros animais. Diferente pelo seu tamanho, cor e tromba, não é muito bem recebido entre os outros animais! Esta é uma fábula sinfónica em que os animais são representados por instrumentos da orquestra. A mensagem de solidariedade implícita incide no direito à diferença.



Festival no Gelo

Entre 25 de Dezembro e 6 de Janeiro
Campo Pequeno

O gelo vai conquistar Lisboa, a partir da arena do Campo Pequeno, com os espetáculos "A Bela e o Monstro", "A Branca de Neve" e Gala de Estrelas. Calce os patins e deslize numa pista de gelo com 400m2!



Concerto para Bebés

Dia 16 de Dezembro
Centro Cultural Olga Cadaval

Os concertos para bebés são uma produção portuguesa pioneira no domínio das artes performativas para a primeira infância. Tiveram início em Novembro de 1998, em Leiria, e é seu autor o professor e musicólogo Paulo Lameiro. Depois de percorrerem as principais salas de concerto portuguesas já estão presentes em várias salas da Europa.

No Porto

TEATRO CARLOS ALBERTO: "Bom Dia Benjamim", teatro, música e desenhos animados - crianças dos 3 aos 9 (13 a 15). MUSEU ROMÂNTICO DA QUINTA DA MACIEIRINHA: "Natal Imaginado" e "Era Dezembro e todos esperávamos que a magia acontecesse...", encenação musical feita por crianças e para crianças, (15-11h30). RIVOLI: "Aladino e a Gruta Mágica" (até 16) e "A verdadeira história da cigarra e da formiga" (até 23). TEATRO DA VILARINHA: "O senhor do seu nariz", textos de Álvaro Magalhães, Companhia Pé de Vento (até 13 jan). COLISEU: Monumental Circo (até 28). CASA DA MÚSICA: "Sud-Express", Projecto de Teatro Musical (9); "Pinóquio!", concerto com palavras(14)". SERRALVES: oficinas de férias de Natal (crianças dos 4 aos 12) e "Bazar de Natal" (até 31). PORTO GRAN PLAZA: Micro Safari com cobras, baratas gigantes, tarântulas e muitas formigas! (até 30 jan).



A arquitetura nacional está bem e recomenda-se! Mais uma obra de um arquiteto português nomeada para o prémio Mies van der Rohe, o mais importante galardão de arquitetura a nível Europeu



O edifício Lisbon Stone Block, projetado pelo arquiteto português Alberto de Souza Oliveira, construído entre 2008 e 2011 - e para o qual a engenharia nacional deu o seu contributo, através da BETAR, que foi projectista das fundações e estruturas - está nomeado para o prémio Mies van der Rohe 2013. O mesmo edifício é igualmente candidato ao Prémio Secil 2012.

Este edifício invulgar, situado no centro de Lisboa, na Avenida Defensores de Chaves, é composto por 20 apartamentos de habitação. “Uma escultura que configura diferentes imagens de acordo com o uso: de noite irradia luz dos apartamentos para o exterior e de dia é uma pele perfurada atravessada pela luz que chega ao interior, através das aberturas dos painéis, de posição variável”.

A cerimónia de entrega do Prémio Mies van der Rohe 2013 decorre no Pavilhão Mies van der Rohe, em Barcelona, durante o mês de Abril do próximo ano.

Por cá, também se premeiam edifícios. Os Prémios Valmor referentes a 2007, 2008 e 2009 foram agora atribuídos, e a BETAR orgulha-se de ter colaborado em alguns dos projetos homenageados



Manuel Salgado, Carrilho da Graça, Nuno Teotónio Pereira, Gonçalo Byrne, Artur Rosa e Pedro Viana Botelho são nomes vencedores. O Prémio Valmor 2007 foi atribuído ex-aequo à Estação de Metropolitano do Terreiro do Paço, um projeto de Artur Rosa, e ao Hospital da Luz, em Carnide, de Manuel Salgado. Também ex-aequo receberam o prémio relativo a 2008 a Escola Superior de Música de Lisboa, em Benfica, uma obra de João Luís Carrilho da Graça, e a Estação Metropolitana e Ferroviária do Cais do Sodré, projetada pelos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Pedro Viana Botelho. No ano 2009, a obra distinguida foi o Edifício do Banco Banif-Mais, da autoria de Gonçalo Byrne, situado na avenida 24 de Julho, que contou com a participação da BETAR. Para além da parceria neste projeto vencedor, a BETAR deu também o seu contributo na Escola Secundária Dom Dinis, localizada na rua Manuel Teixeira Gomes, um projeto de reabilitação e ampliação de Bak Gordon Arquitectos, Lda, que obteve a Menção honrosa 2008; nos Estúdios da RTP, na avenida Marechal Gomes da Costa, projeto assinado pelo arquiteto Frederico Valsassina e no edifício do Centro Português de Design, na rua Cupertino de Miranda, da autoria de José Justino de Jesus Morais, ambos Menções honrosas 2009. A todos os premiados, as nossas felicitações.



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM OS ARQS. ALFREDO SALDANHA
E MARIA JOÃO DUARTE**

**SALÃO DE FESTAS
DE VALE DE VARGO, SERPA**

